

# Da lei da morte libertando...

por Paulo Mendes Pinto

Figuras do Mundo da Morte, num túmulo do séc. II d.C., actualmente no Museu de Damasco



## 5 de Janeiro

**A nostalgia do paraíso:  
o imaginário de um tempo sem trabalho  
e sem sofrimento**

## 12 de Janeiro

**Cleros, hierarquias e reis:  
o caminho para a sociedade do Bronze**

## 19 de Janeiro

**Nacionalismos, ecologia e salvação:  
o nascimento do indivíduo na Idade  
do Ferro**

## 26 de Janeiro

**Baal e El, ou Adonai, Eloim e Adonis:  
a junção eficaz das definições do divino**

Possivelmente, há já alguns milhares de anos que somos o que hoje temos à nossa frente. Fisicamente, esta forma com que nos gostamos de designar enquanto duplamente sábios, *sapiens sapiens*, terá

uns 200.000 anos. Há uns 40.000 anos que enterramos os mortos com flores. Nos últimos 5.000 anos fomos-nos “da lei da morte libertando”, desenvolvendo um conjunto de mitologias e de raciocínios que nos levou à imortalidade e a todo um grupo de crenças que hoje nos estruturam o pensamento.

Com a passagem ao Neolítico, ganhámos a nostalgia dos tempos anteriores que apelidámos de paradisíacos. O trabalho do cereal possibilitou um crescimento populacional, mas implicou uma “domesticação” que não foi apenas dos animais à nossa volta, também foi de nós próprios.

A partir desse momento, sempre buscámos o inalcançável. Seja nas mitologias da Suméria onde a Condição Humana nos surge quase ao nível do desumano, seja na Babilónia onde se começa a esquiçar uma ecologia em que tudo está interligado e dependente de uma imensamente marcante Criação.

Os mitos multiplicaram-se. As narrativas complexificam-se e os cleros consolidam-se. Inanna, Marduk, Baal, Melkart, Adonai e Javé são alguns dos momentos marcantes na construção das ideias centrais no mundo das religiões do Mediterrâneo. Mais que cultos, nestas realidades temos a construção dos próprios conceitos de divino, de deus, de salvação.

Neste percurso, que nos levará da Pré-História aos séculos em que emerge a nossa Era, os grandes deuses são depurações de ideias que resultam de milhares de anos a contemplar as estrelas à noite. Ao chegar próximo do nascimento dos monoteísmos, um deus já é um legado cultural muito além do que nos permite a leitura imediata das suas narrativas.

Nesse momento, uma divindade já não é ela mesma, é afinção de necessidades, de receios e de medos, mas também de desejos e de sonhos.

Paulo Mendes Pinto

## 12 de Janeiro

**Cleros, hierarquias e reis:  
o caminho para a sociedade do Bronze**

Por vezes, o olhar para o passado obriga-nos a confrontos de olhar inesperados. Há mais de oito mil anos, em Chatal Huyuk, nada na arquitectura ou no urbanismo nos leva a pensar que essa primeira aldeia da humanidade tivesse alguma estratificação social. Todos os espaços parecem semelhantes, sem que se perceba, de facto, uma hierarquia.

É tentador pensar numa sociedade igualitária. Mas nada nos pode levar a confundir as ideologias e os sonhos de hoje com as leituras que fazemos do passado.

A verdade é que rapidamente as cidades ganharam muralhas e, em especial, hierarquizaram os seus espaços, as acrópoles, os locais mais facilmente defensáveis, com “melhores” vistas.

Nasciam os templos e as estruturas

QUARTAS-FEIRAS 5, 12, 19, 26 DE JANEIRO DE 2011 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

militares. Os sacerdotes e os “proto-reis”. Nos textos da Suméria ainda vemos esse conflito pela definição do lugar social de cada um dos espaços, o Palácio e o Templo.

É altamente complexo perceber porque se organizaram as sociedades humanas desta forma. Defesa para protecção de excedentes? Defesa por tecnologia, por avanço civilizacional de algumas cidades em relação a outras? Na Suméria parece nunca ter havido uma cidade que tenha, de facto, criado uma unificação geral, um “império”. Contudo, as guerras existiam e eram dramáticas.

Esse dramatismo encontramos-lo nos relatos das aventuras do primeiro grande rei, Gilgamesh. Esse mítico rei de Uruk, parte para as suas aventuras depois de ver os corpos a boiar nas margens do Eufrates. A refrega sangrenta leva-o, diríamos nós, a pensar a natureza e a condição humana. Nasce uma epopeia e vemos, agora a quase 5.000 anos de distância, a função do rei a estruturar-se.

O que é um Rei? É um semi-deus, é um protector e um provedor, é um herói, é alguém que vive pelo colectivo o que mais ninguém pode viver. O Rei procura atingir o inatingível, superar a morte e obter a imortalidade. Além de Gilgamesh, a deusa Inanna e o monarca Naram Sin também nos ajudam a recheiar de significados essa função.

No Egipto essa função parece ter sido levada ao limite. O monarca é, simplesmente, um deus. Todas as condições climatéricas e geológicas levavam a esta “constatação”. Não poderia ser outra coisa o governante que tal riqueza dava constantemente à sua população.

Em Acad e na Babilónia, a linha evolutiva ganhava matizes. Se Sargão era retirado das águas como será Moisés, Hammurabi dava-se à função de reger por Leis Divinas um Império.

A junção entre a necessidade burocrática e o fausto de corte recriavam constantemente a ideia de palácio. Salomão construirá o seu. Baal, o deus percurso das funções de Yahweh, terá nessa contrução a parte mais importante da sua teologia. No Egipto, o monarca será coincidente à própria noção de casa do rei. O monarca e o seu palácio, a sua

iconografia, são um *axis mundi* em torno do qual tudo gira.

Nas imagens de David, por exemplo, vemos como o Rei é muito mais que um líder político e militar. É um garante do Cosmos, da Ordem.

É interessante que hoje, mais de oito milhares de anos depois, ainda recorramos aos mesmos símbolos. No actual contexto político nacional, não consigo afastar do rosto um certo ar de “conformismo” regozijante ao olhar para a cadeira escolhida por tantos dos nossos Chefes de Estado, comparando-a com as imagens de um trono com leões na aldeia milenar de Chatal Huyuk.

**Paulo Mendes Pinto** é Director da Licenciatura e do Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona. Trabalha em torno da mitologia do Mediterrâneo Antigo, especialmente Suméria, Babilónia e Canaã. Actualmente, dirige o projecto *Inquérito à Cultura Religiosa em Portugal*, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

---

**QUARTAS-FEIRAS 5, 12, 19, 26 DE JANEIRO DE 2011 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO**

---